

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



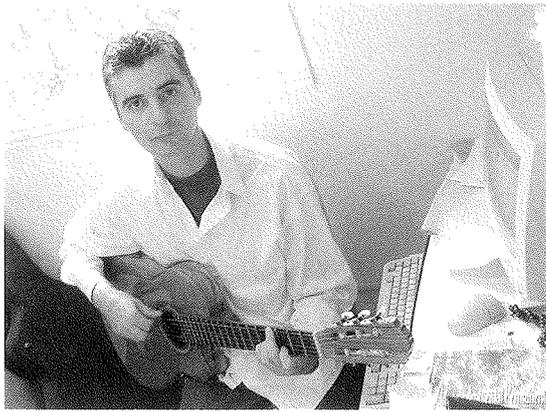
fascículo n° 19



Planta Cruz
Fogaca



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Silvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Plauto Cruz



Plauto Cruz, natural de São Jerônimo, ao contrário de outras crianças que choram na hora do parto, entrou no mundo flauteando a vida. E, sob a inspiração de São Francisco de Assis, logo se fez amigo dos passarinhos, tornando-se um deles. Não pode ser outra a opinião de quem convive com esse músico extraordinário, ao menos algumas horas. O corpo magro de Plauto, que se torna quebradiço, elétrico e faceiro ao esmerar-se na execução de músicas em sua flauta mágica, não é propriamente uma composição verificável à luz dos compêndios de fisiologia. É um aglomerado de peças e combinações que desafiam as leis da gravidade e que, inesperadamente, sem que ninguém perceba, adejam sobre os telhados, na condição de pássaro, de anjo, de vagalume e de estrela. Talvez objetem que esta não é a melhor forma de descrever um músico. Mas é imperioso constatar que o Plauto não é somente um músico, um artista. O Plauto é tudo isso e mais uma soma de características absolutamente singulares, que fazem dele um ser humano fascinante, na sua simplicidade, na sua ternura e na sua ingenuidade. Nesse sentido, jamais existirá outro Plauto. Nem existirá outro flautista que mantenha com o seu instrumento, tamanha identificação. À força de tanto carregar sua flauta em intermináveis noites boêmias, avançando de bar em bar conforme as oportunidades surgidas para ganhar uns trocados e aumentar o conforto da família, o Plauto se tornou parecido com ela. Ainda não quis tirar a limpo esta questão intrigante: se é o Plauto que toca a sua flauta ou se é a flauta que subjugou o Plauto com seus feitiços e seus encantos.

Plauto de Almeida Cruz exala poesia por onde passa. E cada apresentação do seu imenso talento, alcança as regiões mais sublimes da execução musical, igualando-se aos grandes, como Altamiro Carrilho, seu irmão em maestria e amizade. Sempre digo aos meus amigos, que sou um privilegiado em matéria de audições musicais. Assisti a vários encontros da flauta do Plauto com o cavaquinho do Clio Paulo de Mello, no palco do Varanda, em Porto Alegre, apoiados por outros grandes músicos. Tenho certeza que naqueles momentos também Deus chorava orgulhoso da arte produzida por dois dos seus filhos aqui no Rio Grande do Sul. Foi lá no Varanda que nasceu, provavelmente, a idéia de escrever um livrinho sobre a vida do Plauto. Escrevi. Mas não consegui dizer tudo o que queria dizer a respeito do Plauto. A emoção que eu sentia embaralhou a escolha das melhores palavras. Plauto Cruz, uma sublime conquista da música.

Esta página é uma colaboração de **Kenny Braga** - Jornalista e biógrafo de Plauto no livro homônimo para a coleção "Lua Branca".



Cronologia Biográfica: Plauto de Almeida Cruz Plauto Cruz

1929 - Nasce em 15 de novembro, em São Jerônimo (RS). Filho de Elisa Cruz (Dona Duga) e José Alvez da Cruz, flautista profissional das salas de cinema mudo que ajudava a sustentar a família com o emprego de piloto e comissário da lancha Polar, embarcação de linha do percurso São Jerônimo-Porto Alegre. Plauto habitua-se, desde o nascimento, ao som do instrumento que viria a acompanhá-lo por toda a vida. Na verdade, quem conhece Plauto sabe que ele e o seu instrumento não apenas acompanham um ao outro, mas são uma coisa única, indissociável. Ainda antes da escola, Plauto vivia a esquentar ferrinhos para perfurar taquaras e criar suas próprias flautas. Dona Duga corria com ele de perto do fogo a lenha.

1937 - Assim que ingressa no primário do Grupo Escolar Castro Alves, o tio João dá-lhe uma flauta transversal de ébano. O pai desaprova, temendo que isto atrapalhasse os estudos escolares, além do que o menino havia sofrido com uma pneumonia um ano antes, e a flauta, ele sabia, exigia muito dos pulmões. Logo Plauto venceria a oposição do pai com sua obstinação na prática do instrumento. Torna-se o centro das atenções da turma de amiguinhos, sai-se bem na escola e melhora a cada dia na flauta. "Já que o guri nasceu pra música, deixa que toque", sentenciou o Seu José.



Nos anos 40



Aos 12 anos

1940 - Apresenta-se no programa infantil de calouros "Bicho sem Pena", da Rádio Gaúcha, tocando a valsa *Orvalho de Lágrimas*. Desfila no bloco carnavalesco "Os Batutas" de São Jerônimo, chamando a atenção pela técnica e resistência. O pai, empolgado, dá-lhe uma flauta de cinco chaves. Com ela tocava a marcha *Subindo ao Céu*, do repertório de Dante Santoro.

1943 - Já concluído o primário, sonhava com mais estudos musicais, estimulado pela mãe. Dona Duga não queria que Plauto tocasse somente de ouvido. Muda-se para Porto Alegre, onde estuda com o professor Arthur Schaeffer e depois com Leopoldo Michola. Não descuidava do colégio, freqüentando o Grupo Escolar Uruguai, no bairro Moinhos de Vento.

Apresenta-se no programa "A Hora do Bicho", da Rádio Difusora, transmitido diretamente da Sociedade Espanhola (rua Andrade Neves) aos domingos. Aos poucos, torna-se a atração principal do programa, arrebatando grande número de prêmios em dinheiro destinados aos calouros. O apresentador Antônio Amabili passa a anunciá-lo como "Menino Prodígio da Flauta". Isto durou até que o juiz de menores proibiu as apresentações de Plauto, sob os protestos de Dona Duga. Passa a tocar em um parque de diversões junto à Praça Garibaldi. Emprega-se em uma papelaria.

1947 - Volta para São Jerônimo e trabalha em uma fábrica de facas. Toca em festas, batizados e nos bailes do "Salão do Zé".

1949 - Retorna a Porto Alegre, dando duro como chapeador e esquentador de rebites no Estaleiro Martetele. Flauta só em casa com os amigos, mas sabia o que queria, aguardava a oportunidade certa.

1952 - A Rádio Itaí ficava na av. Borges de Medeiros e era uma força emergente na comunicação. Plauto estréia tocando *Dinorá* e *Urubu Malandro*, de Pixinguinha e Lacerda, acompanhado pelo "Regional de Aldo". Foi contratado na hora. Por mais de três anos, viu seu nome firmar-se em linha ascendente entre os grandes músicos de Porto Alegre, chamando a atenção das rádios concorrentes.



Aldo Braga, Sadi Queiroz, Julinho, Plauto e Paulinho, o time da Rádio Itaí.

1956 - A Rádio Farroupilha, uma potência da época, faz-lhe uma proposta irrecusável. Trabalha com o regional da emissora, dirigido por Antoninho Maciel e integra-se a um *cast* de nomes consagrados. Ali, até 1961, conheceria Ary Rêgo e tocaria no "Clube do Guri", nas manhãs de domingo, convivendo com Elis Regina, grandes músicos, cantores e maestros como Salvador Campanella, Roberto Eggers e Alfred Hülsberg.

Além dos nomes contratados da Farroupilha, Plauto acompanhava também as atrações nacionais, visitantes como Ângela Maria, Emilinha Borba e Orlando Silva.

1957 - Casa-se com Eva Marenly Fraga. Uma curiosidade: no dia do casamento, o amigo Antoninho Maciel foi buscá-lo para tocar em uma serenata "inadiável". Foi vestido de noivo. A noiva não ficou zangada, só achou graça da situação. Talvez seja esta uma das muitas razões de o casamento ter durado para a vida toda. O casal tem seis filhos: Maria Elisa, José Bernardo, Marlene, Jorge Luís, Jairo e Juliana.

1958 - Uma recordação marcante: Plauto e o "Regional" acompanham o cantor Vicente Celestino no palco do Cine Rei, na av. Assis Brasil.

1961 - Contratado pela Rádio Gaúcha, integrando o "Regional do Paraná" com Edi Pinheiro (acordeom), Nadir (trombone), Azeitona (pandeiro) e Paraná ao violão, banjo e cavaquinho.

1962 - Plauto tocava também com outras formações fora da rádio e foi em um ensaio da "Banda dos Carijós" que conheceu Jessé Silva e o levou para a Rádio Gaúcha. Jessé foi um dos maiores nomes do choro contemporâneo no Rio Grande do Sul.

A "Banda dos Carijós", liderada por Hardy Vedana (ver fascículo 30), também marcou a vida de Plauto por outros motivos. Criada para fazer propaganda de lojas do centro da capital gaúcha, executava dobrados, sambas e maxixes em plena Rua da Praia. Não demorou a ganhar os bairros na carroceria de um caminhão. Onde ia, era sucesso na certa.

1966 - Contratado pela "Boate Marrocos", na av. Oscar Pereira; por dois anos, o quarteto formado por Plauto, Gervásio (baixo), Joãozinho (piano) e Antonio Silva (guitarra), foi o esteio do sucesso daquela casa.

1969 - Tempos difíceis. Plauto vê-se obrigado a seguir para Curitiba, integrando o "Regional da Rádio Clube Paranaense". Por oito meses, mora em pensão e sofre com a saudade da família.

1970 - Atua no programa "Gente da Noite" de Túlio Piva, na Rádio Difusora. Toca também na Rádio Real de Canoas, além de destacar-se no reduto boêmio Varanda, de Vera Vargas. Ali o grupo de músicos é forte e tem até Giba Giba com seu famoso "sopapo" (instrumento de percussão gaúcho semelhante ao surdo, porém maior), Clio (cavaquinho), Maestro Menotti (violão e piano) e Jessé Silva (violão), com quem grava o LP *Sambas e Sambas*, pela ESB, junto de vários grandes músicos gaúchos.

1973 - Plauto integra o elenco fixo da Rádio Real de Canoas. Toca em grandes casas noturnas, como o histórico Batelão, de Lupicínio e Rubens Santos, Barçaça e outros.

1974 - Destaca-se como Melhor Instrumentista na Califórnia da Canção, integrando o grupo defensor da vencedora *Canto de Morte de Gaudêncio 7 Luas* (Luiz Coronel e Marco A. Vasconcelos).

Voltando para casa após um show, Plauto sofre um assalto em que quase foi morto. Obrigado a entrar em um carro roubado por marginais, foi libertado horas depois bastante ferido. Conta esta história com humor (como, aliás, encara tudo na vida).

1975 - Novamente a Califórnia. *Cordas de Espinho*, dos mesmos autores da vez anterior, e nova vitória. Ou-



tra vez, Plauto arrebatou o prêmio de Melhor Instrumentista do festival, grangeando elogios até mesmo de José Ramos Tinhorão no *Jornal do Brasil*.

1976 - Entre festivais pelo interior, Plauto garante seu sustento com a dignidade profissional que ajudou a implantar na noite de Porto Alegre.

Atua na Churrascaria Farrapos, acompanhado pelo violão do Maestro Menotti e também no Restaurante Michel (av. Getúlio Vargas).

1977 - Grava, enfim, seu primeiro disco solo. Pela ISAEC sai *O Choro é Livre*, um LP com seis faixas de sua autoria e outras sete de ilustres personalidades, como Pixinguinha, Nazareth e Waldir Azevedo. Deste disco histórico, participam Jessé Silva, Mário Schimia, Lúcio Cavquinho, Sadi e Cabeça.

Participa, em São Paulo, do I Festival Nacional do Choro, promovido pela Rede Bandeirantes de TV. Conhece um dos seus mais freqüentes parceiros desde então, o exímio violonista João Duarte Filho (João Pernambuco).

1978 - Classifica-se entre os dez finalistas com o choro de sua autoria *Pra João Loyó*, no II Festival Brasileiro do Choro.

1979 - Participa do Festival da TV Tupi, ganhando

Menção Honrosa pelo arranjo de *Maria Fumaça* (um dos maiores sucessos da carreira de Kleiton e Kledir). Neste festival, Plauto foi definido pelo apresentador Ziraldo como "patrimônio da música popular brasileira".

1980 - Participa como instrumentista e compositor de *Provocante e Tema de amor* do LP *Nós, os Chorões*, coletânea de grandes craques da noite gaúcha pela Continental.

1981 - Grava pelo selo fonográfico da Bandeirantes o LP *O fino da Flauta*, produzido por Raul Ellwanger. Plauto atua em uma casa noturna que tornou-se lendária na noite da cidade: o Vinha D'Alho.

1982 - Transfere-se para o Bar Viva Maria, de propriedade do violonista João Pernambuco, outra casa marcante da vida noturna porto-alegrense.

1984 - Trabalha no Alambique's Bar de Paulo Pinheiro. Apresenta-se freqüentemente pelo interior e, em uma destas oportunidades, acompanha o legendário cantor Silvio Caldas, em Bagé, seguindo com ele para o Alambique's Bar, para curta temporada.

Em 11 de novembro, um acontecimento histórico na música de Porto Alegre. No Theatro São Pedro, um show intitulado "O Choro é Livre" reúne Plauto Cruz e



Com Altamiro Carrilho
no Theatro São Pedro
no Projeto O Choro é Livre.



Com Jamelão , em 1983, no show “Lupicínio, Sobrenome Paixão”.

Altamiro Carrilho. Marcado para o Foyer do teatro, com capacidade para 250 pessoas, o show teve de ser transferido para o palco principal. Uma multidão acorreu ao evento que reunia dois monstros sagrados da flauta brasileira. Lotação esgotada por um público múltiplo em faixa etária e classe social. Muita gente teve de voltar para casa sem conseguir entrar no Teatro São Pedro.

1987 - Recebe o título de Cidadão Emérito da Cidade de Porto Alegre, em homenagem da Câmara Municipal. Arrebata os prêmios de Melhor Arranjador e Melhor Instrumentista no II Carijô da Canção Nativa de Palmeira das Missões.

1989 - Recebe a Medalha de Honra ao Mérito do Sindicato dos Músicos/RS por sua atuação na noite de Porto Alegre.

1992 - Inaugurado, a 27 de agosto, o Palco Plauto Cruz da Cia de Sanduíches, tradicional casa noturna de música ao vivo de Porto Alegre.

1993 - Recebe da Prefeitura Municipal a Medalha

Cidade de Porto Alegre.

1994 - Agraciado com o título de Cidadão Emérito da Cidade de São Jerônimo.

1995 - Lança o CD independente *Engenho & Arte*, em parceria com o violonista Mário Barros.

1996 - Homenageado especialmente pelo Sindicato dos Músicos de Porto Alegre, pelo Dia do Músico. Recebe o Brazão da Casa de Portugal (POA).

1998 - Lança dois discos solo: *Em Novos Tempos de Seresta*, pela MGM e *O Mago da Flauta*, com patrocínio do Banrisul.

1999 - Lança o CD independente *Choros e Canções*.

2001 - Em 26 de agosto recebe o Troféu Guri, como Destaque em Música, na Expointer/Esteio, que veio a somar-se aos 55 troféus obtidos por Plauto em sua carreira até esta data.



Depoimentos

" O que mais gosto da vida é a possibilidade que ela me oferece todos os dias para fazer novos amigos." (Lua Branca - 1984)

" A dificuldade de firmar meu nome no centro do país, no meu caso, está no fato de eu me manter em Porto Alegre e não ter vontade de me separar do sul. Tenho meus amigos, gosto de ir a São Jerônimo, são coisas que valorizo. Tenho filhos e netos. Como poderia me separar desta vida?" (Jornal Tchê - 1984)

" Eu não vou falar sobre a grande cantora que todo o Brasil conheceu. Falo a respeito de uma Elis Regina que estava começando e que parecia feita para um grande destino. Aquela Elis que eu conheci, cantava os grandes sambas da época e tinha, ainda, um excelente repertório de jazz. O que me ficou da Elis foi uma coisa interessante: nunca vi aquela menina de mau humor." (idem)

" Já tive convites para sair daqui e sei que no Rio e SP as oportunidades seriam maiores, mas não é o mais importante para mim." (idem)

" Toquei muitas vezes com Lupi e o conhecia bem. Sabe por que ele não cantava em discos? Simplesmente porque não gostava, não se sentia um bom cantor. Cartola também declarou que gravou seus discos consciente de que não era bom cantor, mas foi a única manei-



foto: acervo Hardy Vedana

Com Hardy Vedana, na "Bandinha dos Carijós".

ra de levar seu trabalho ao público. Já tinha uma gaveta cheia há anos." (idem)

" Quando me perguntam o quanto cobro para tocar, me surpreendo. Não sei dar preço." (idem).

" Sabe, negrinho*, a música é a coisa mais importante que existe. É maravilhoso ser músico, a música é maravilhosa..." (a Henrique Mann, em 2001)

* Uma característica de Plauto é tratar seus amigos mais íntimos por "negrinho" ou "nega vêia".



Valdir Frolin

Plauto Cruz com Henrique Mann.

José Fogaça



Compositor, político, advogado, jornalista, escritor... José Fogaça é um homem múltiplo, cheio de idéias e ideais que repassa através de suas músicas e de seus discursos nas tribunas de Brasília. Se o Brasil o conhece através das notícias que envolvem o poder legislativo, os gaúchos sabem que ele também é um poeta de seu cotidiano, que coloca em versos temas da sua terra.

Para muitas pessoas, Fogaça está diretamente associado à canção *Vento Negro*. A música, que virou hino de uma geração na interpretação do "Almôndegas" e presença obrigatória nas rodas de violão, fala em "erguer bandeiras sem matar" e, em viração, aquele vento tão conhecido que prenuncia as chuvas fortes nos dias mais quentes. É uma metáfora para a força sulista, para a vontade de mudar os fatos e o mundo. E também colocou no vocabulário do dia-a-dia um elemento bem regional. Isso Fogaça fez com muitas outras composições conhecidas, como *Semeadura* (parceria com Vítor Ramil), *Estrela Guria* (com Pery Souza) ou *Lagoa dos Patos* (com Kleiton e Kledir). Mas, apesar dos temas de suas canções celebrarem as características de nosso estado, seu trabalho não ficou restrito às fronteiras do Rio Grande do Sul. Várias canções assinadas pelo nosso político-artista fazem parte do repertório de intérpretes consagrados nacionalmente, entre os quais Fafá de Belém, Olívia Hime, "Quarteto em Cy", Emílio Santiago, a banda "Nenhum de Nós" e a cantora argentina Mercedes Sosa.

Nos últimos anos, Fogaça tem se voltado mais para a política, uma atividade que exige dedicação integral (pelo menos da parte dos políticos sérios). Mas sua última aparição no cenário musical foi marcante: a canção *Porto Alegre é Demais*, gravada pela sua esposa Isabela, também se tornou bastante conhecida e integra a lista das principais músicas feitas para o Rio Grande do Sul na década de 90.



Cronologia Biográfica:

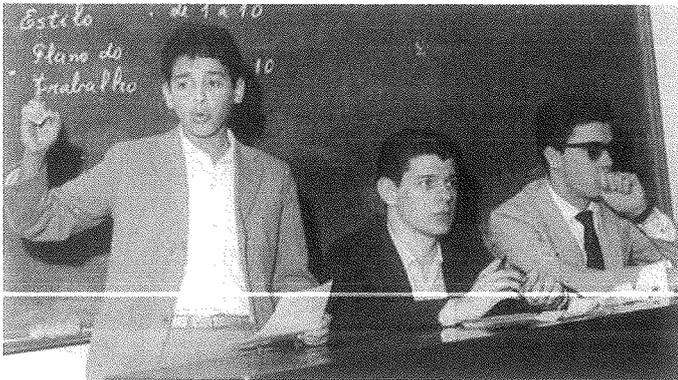
José Alberto Fogaça de Medeiros

Fogaça

1947 - Nasce, em Porto Alegre, José Alberto Fogaça de Medeiros, a 13 de janeiro, filho de Alba Maria Fogaça e João Câncio Ferreira de Medeiros.

1953 - Inicia os estudos no curso primário do Colégio Santa Inês, transferindo-se em 1956 para o Colégio Rosário.

1962 - Estuda violão em aulas particulares com o grande mestre Ivaldo Roque e assume a direção cultural do Grêmio Estudantil da escola.



Orador na turma do ginásio.

1965 - Ingressa na Faculdade de Direito da PUC.

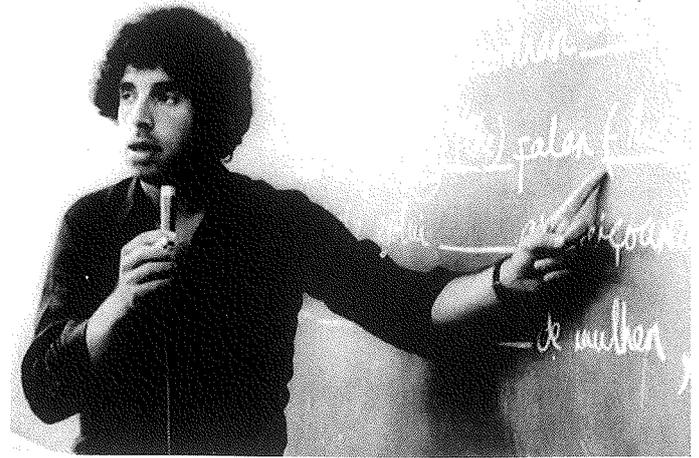
1967 - Participa do Festival da Arquitetura da UFRGS com a composição *Gaudério*, interpretada por Paulo Roberto Ferreira, com arranjos de Paulo do Pinho. Destaca-se na política estudantil, assumindo consecutivamente a presidência do Conselho Deliberativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e do DCE.

1969 - Forma-se em Direito. Inicia o Curso de Licenciatura em Letras na PUC, estudando até 1972. Publica o livro "A arte pelo homem" (Globo/PUC). Passa a lecionar no IPA e no Colégio Rui Barbosa.

1971 - Leciona no Colégio Bom Conselho. Atua como apresentador do quadro "Língua Portuguesa Atual" no Jornal do Almoço (TV Gaúcha).

1972 - Comentarista de Assuntos de Educação na TV Difusora (Canal 10).

1974 - A sua música *Piquete do Caveira* (par-



O professor em sala de aula, IPV/1978.

ceria com Kledir Ramil) causa polêmica na Califórnia da Canção, contribuindo para a divisão do festival em linhas. Esta canção e o *Vento Negro* (de sua autoria exclusiva) integram o repertório do primeiro disco do grupo "Almôndegas".

Atua como comentarista político do programa "Porto Visão" (TV Difusora). O programa torna-se sucesso no estado e *Vento Negro*, colocada como trilha de abertura, ganha enorme sucesso popular, vindo a ser um dos maiores clássicos da história da música do RS.

1975 - A cantora Fafá de Belém grava *Vento Negro*, e o "Almôndegas", *Tributo a Pablo Neruda*. Segue atuando em várias áreas da comunicação em rádio e TV.

1976 - Hermes Aquino (no auge do sucesso) grava *Guantanamo*. *Vento Negro* é uma das três canções mais rodadas do ano nas rádios do RS e também ganha versão de Fafá de Belém.

"Almôndegas" grava *Há um Pouco de meu Coração em Portugal* (parceria com Kledir Ramil).

1978 - Publica com sucesso pela Ed. Movimento o livro "Uma Geração Amordaçada". Eleito Deputado Estadual mais votado: 60.059 votos.

1979 - Leciona no Instituto Pré-Universitário, tornando-se cada vez mais popular na atividade docente. Eleito vice-líder da bancada de seu partido.

1980 - Vence uma das linhas da Califórnia da Canção com *Semeadura* (parceria com Vitor Ramil). Tem a canção *Vinho Amargo* (parceria com Kledir Ramil) gravada pelo "Quarteto em Cy".



Fogaça com Kleiton e Kledir Ramil.

1981 - Fafá de Belém grava *Sexto Sentido* (parceria com Hermes Aquino) e "Kleiton & Kledir", *Lagoa dos Patos* (parceria com Kledir).

1982 - Pery Souza grava *Estrela Guria* (parceria com Fogaça), uma de suas canções mais belas e conhecidas. *Hei de Voltar pro Sul* (parceria com Kledir) é gravada por Nara Leão. A dupla "Kleiton & Kledir" grava *Uni, Duni, Te* (parceria com Fogaça).

A canção *Semeadura* entra para o cotidiano dos gaúchos como trilha do programa "Campo e Lavoura" (RBS TV). Sai pela Polygram o LP *A Música de Fogaça*. Eleito Deputado Federal com 62.500 votos.

1983 - A célebre cantora Vanja Orico grava *Varandas Amigo* e Olívia Hime grava *Filha Mulher* (parceria com Kleiton Ramil).

1984 - Mercedes Sosa grava *Semeadura* (Siembra) e Pery Souza, três novas parcerias com Fogaça: *Sem querer*, *Coração Vadio* e *Sonho Sideral*.

1985 - Fafá de Belém grava *Aprendizes da Esperança*, que se torna um hino de várias campanhas políticas.

1986 - Fafá de Belém grava *Mulheres do Brasil*. Publica pela L&PM o livro "Aprendizes da Esperança: Poesia e Música Popular". Eleito Senador com 1.510.064 de votos.

1990 - Isabela Fogaça, sua esposa, grava *Brasileira Demais*.

1993 - Isabela Fogaça grava *Porto Alegre é*

Demais. Recebe a Comenda Grão Mestre da Ordem do Mérito Naval.

1994 - Reeleito Senador com 1.627.481 votos.

1995 - Homenageado com a comenda Grão-Mestre da Ordem do Mérito das Forças Armadas.

Recebe o prêmio Líderes e Vencedores - Destaque Político da Assembléia Legislativa do Estado.

1997 - Homenageado com duas comendas: Grande Oficial da Ordem do Mérito da Aeronáutica e da Ordem do Rio Branco.

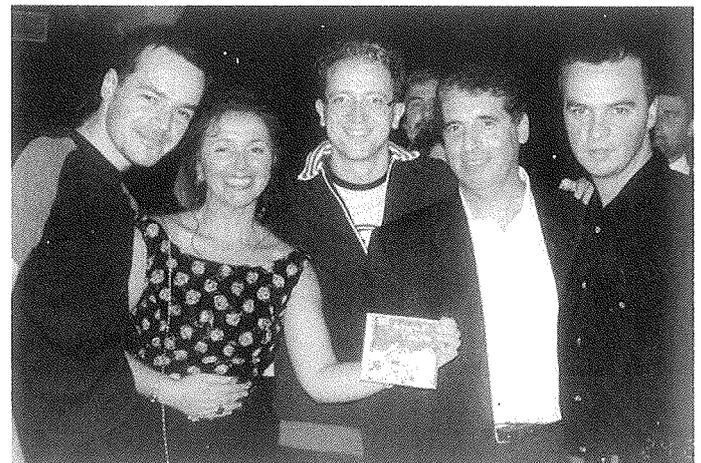
1998 - Lança, pela Som Livre, o CD *Fogaça, Amigos e Canções*, com participações especiais de vários nomes importantes da música brasileira e gaúcha como "MPB-4", Fafá de Belém, "Quarteto em Cy", Emílio Santiago, "Nenhum de Nós", "Kleyton & Kledir".

Tem a canção *Vento Negro* gravada por Henrique Mann (com participação especial de Renato Borghetti) no CD *Porto Alegre Boêmia* (de história da música de Porto Alegre, pelo Fumproarte).

1999 - Homenageado com a comenda da Ordem do Mérito Militar.

2000 - É um dos mais destacados parlamentares brasileiros, relator, em três anos, de mais de 250 matérias. Conhecido por sua assiduidade, probidade e poder de articulação.

Chega ao final do século XX, ainda jovem, como autor de vários clássicos da música popular do Rio Grande do Sul.



Com Isabela Fogaça, Carlão, Thedy e Veco, do "Nenhum de Nós". no lançamento do CD *Amigos e Canções*, em 1998.



Depoimentos

Entrevista exclusiva para este projeto, em 2001.



Na esquina democrática, com Tancredo Neves, em campanha pelas "Diretas Já" (Porto Alegre - RS).

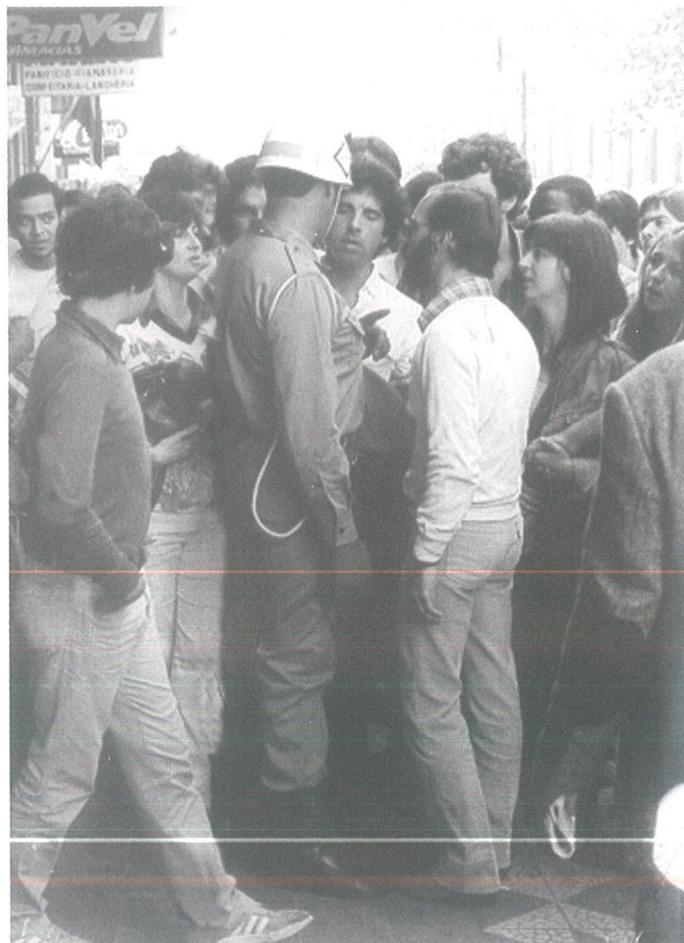
" Nos anos 70, vigorava a tese, principalmente no meio universitário, de que a arte sem vínculo com questões sociais e políticas era uma arte inútil. Eu fui um dos que acreditaram nisso. Hoje sei que é um equívoco pensar que a arte deva ser necessariamente instrumento de causas políticas. Também não significa que naquele momento isso tenha sido errado, porque a arte pode estar eventualmente a serviço de uma causa, mas não deve ser seu papel preponderante eternamente. A arte também tem que cumprir sua função de deleite estético, engrandecimento da sensibilidade."

" O regionalismo no RS é um produto ideológico muito forte. Não haveria regionalismo aqui se al-

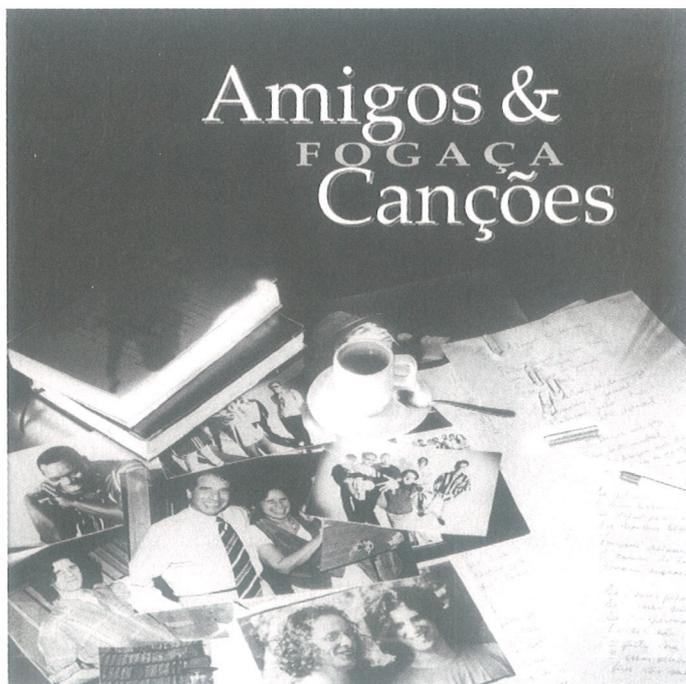
guns pensadores, pesquisadores e folcloristas não tivessem um dia que teorizar e concretizar uma ideologia do regionalismo. A minha geração assumiu essa idéia de uma forma de resistência; era também o compromisso com os valores nativos e da cultura popular. Mas uma questão que se põe é que o regionalismo é nacionalista por excelência e o nacionalismo é perigoso, porque, historicamente, pressupõe um certo conservadorismo de direita. A gente deve prestigiar o regionalismo sem permitir que isso se torne um universo restrito e restritivo. Temos que ser multiculturais para não nos fecharmos aos valores universais da cultura. Devemos ter um pensamento universal dentro de uma ação localizada."

" É importante ter a consciência de que o RS tem uma cultura diferente do resto do Brasil. As outras regiões têm uma cultura homogênea, e a nossa é originária de um outro núcleo cultural, ligada aos povos do Prata. A nossa geração conseguiu uma ponte com o Brasil justamente porque tinha aquela idéia de fazer a música do RS com um pensamento universal; isso explica o sucesso do 'Almôndegas' e 'Kleiton & Kleidir'. Apesar de isso se aplicar às classes médias urbanas, porque no interior do Mato Grosso, por exemplo, o Gaúcho da Fronteira e outros artistas genuinamente regionais entram com facilidade. Eu acho que as classes médias de São Paulo, Rio e Brasília conhecem muito pouco da nossa música regional e o pouco que conhecem é insuficiente para entender o seu significado."

" O rock do 'Engenheiros' e do 'Nenhum de Nós' ou o samba de Lupicínio são conhecidos e aceitos no Brasil, porque são gêneros comuns ao Brasil; já o rasqueado, a milonga ou o chamamé pertencem ao núcleo do Prata e são incorporados pela cultura gaúcha. Isto não é compreendido pelas outras regiões brasileiras. Quando o 'Almôndegas' fez o chamado 'rock rural' estava falando uma linguagem que já havia no Brasil através de 'Sá & Guarabira', por isso foi imediatamente aceita. Aquela foi a primeira geração que resolveu quebrar o código fechado da música nativista e, por mais polêmica que tenha causado



Em confronto na esquina democrática, em POA, pelas "Diretas Já".



Capa do CD Amigos e Canções, lançado em 1998.

em festivais, serviu para sacudir os conceitos até então vigentes. Foi a partir disso que a Califórnia da Canção criou (em 75) três linhas diferenciadas. Acho que O Piquete do Caveira foi um divisor de águas nesta questão. Tanto a nossa atitude (e a de outros como Jerônimo Jardim e Ivaldo Roque, que faziam pesquisas preciosas) quanto a reação foram coisas típicas da época, de um período de ruptura em vários aspectos da cultura, da política e da sociedade em geral."

" Não existem muitos elementos estritamente originários do Rio Grande do Sul. A nossa cultura é composta de vários elementos oriundos de outros povos. Hoje uma guitarra no chamamé já não escandaliza ninguém e seria uma bobagem se isso acontecesse, porque temos que assumir a nossa multiplicidade cultural ou ficar para trás na história. Nós temos, por exemplo, uma vertente muito rica de samba e maçambique que vem da nossa comunidade negra. Como é então que não vamos considerar estes elementos dentro das nossas composições? "



Fotos cedidas por José Fogaca.

No Senado, em sessão deliberativa ordinária, em 09.05.2001.

" A dificuldade de integração do Mercosul está além da questão cultural. Existem interesses políticos e econômicos que atingem tudo e têm reflexos no cinema, na música ou no teatro, como têm na indústria e no comércio. Culturalmente estamos muito ligados à Argentina e ao Uruguai, mas, política e economicamente, a distância ainda é muito grande. A ampliação do Mercosul não depende apenas de Porto Alegre, porque pela fronteira têm que passar produtos e serviços, então isso vai depender das relações do Brasil como um todo frente a estes países. Por enquanto só passa cultura."

" O ECAD é problemático e foi contemplado pela nova lei de direitos autorais. O ECAD tem um sistema de aferição completamente concentrador que não detecta mil execuções de uma música aqui no RS. Não sou pela extinção do ECAD, mas pela regionalização da aferição. As grandes estrelas da MPB é que não querem isso, porque temem perder sua reserva de mercado. Já tentei entrar nessa questão, mas é muito difícil, porque qualquer tentativa de regionalizar é rigorosamente rechaçada por autores como Chico Buarque, por exemplo. Já a Ordem

dos Músicos não é uma questão político-partidária, tem que haver uma ação da classe musical para conquistar a direção de seu órgão representativo. Isso depende mais da capacidade de organização dos músicos do que de uma ação do poder público. Aliás, sempre que o Estado interfere nisso, os resultados são os piores possíveis."

" Não se pode deixar que a ação globalizadora destrua os valores nativos, mas, ao mesmo tempo não se pode permitir que o nacionalismo de direita, que serve para manter estruturas arcaicas de poder, permaneça impenetrável aos valores democráticos que vêm de fora. Muitas vezes as comunidades são dominadas pelo nacionalismo fascista que se fecha aos valores externos, porque não quer mudar suas formas de dominação. Aí sim é importante que entrem ondas de cosmopolitismo e globalização para derrubar estas fórmulas consagradas de dominação dos povos. Este é um ponto importante de equilíbrio: não perpetuar o domínio do nacionalismo de direita e, ao mesmo tempo, não deixar que uma visão mundializada da cultura venha a extinguir valores já existentes, que são caros às comunidades locais e profundamente ligados aos interesses nacionais."



Vento Negro

José Fogaça

1 ON DE A TER RA CO ME ÇAR VEN TO NE GRO GEN TEEU SOU ON DE A TER RA TER MI

6 NAR VEN TO NE GROEU SOU QUEM ME OU VE VAI CON TAR

11 QUE RO LU TA QUER RA NÃO ER QUER BAN DEI RA SEM MA TAR VEN TO NE GROE

16 FU RA ÇÃO A VI DA O TEM PO LA TRI LHA O SOL UM VEN TO FOR TE SEER QUE

21 RAAR RAS TAN DOO QUE HOU VER NO CHÃO VEN TO NE GRO CAM POA FO RA VAI COR

25 RER QUEM VAI EM BO RA TEM QUE SA BER É VI RA ÇÃO

Onde a terra começar, vento negro gente eu sou
 Onde a terra terminar, vento negro eu sou
 Quem me ouve vai contar, quero luta guerra não
 Erguer bandeira sem matar, vento negro é furacão
 A vida, o tempo, a trilha, o sol
 Um vento forte se erguerá, arrastando
 O que houver no chão
 Vento negro campo a fora, vai correr
 Quem vai embora, tem que saber, é viração
 Nos montes, vales que venci
 No coração da mata virgem
 Meu canto, eu sei, há de se ouvir em todo o meu país
 Não creio em paz sem divisão
 De tanto amor que eu espalhei
 Em cada céu, em cada chão
 Minha alma lá deixei
 A vida, o tempo, a trilha, o sol...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Estrela Guria

Pery Souza e José Fogaça

1. Eu quis con - tar um se - gre - do au - maes - tre - la fa - cci - ra
 2. Se as ci - gar - ras ca - be - lhas que co - chi - cham nos cam - pos

me - xen - doos ca - be - los riu, não meo - lhou nem meou - viu.
 fa - las - sem do meu a - mor po - de - ri - as sa - ber.

Com seu ar - rei - o de nu - vens cos es - tri - bos de ven - to
 E se os gri - los da noi - te nas va - ran - das se - re - nas

bem lon - ge naes - eu - ri - dão mi - nhaes - tre - la su - miu.
 fa - las - sem da mi - nha dor, po - de - ri - as sa - ber.

Vem no cla - rão da fo - guci - ra, no chi - ar da cha - lei - ra,

na á - gua da lu - a vem eu sei que não é de nin - guém.

Mi - nhaes - tre - la va - di - a, mi - nhaes - tre - la gu - ri - a,

lu - mi - a a so - lí - dão des - se meu co - ra - ção.

Transcrição de partitura por Pery Souza.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

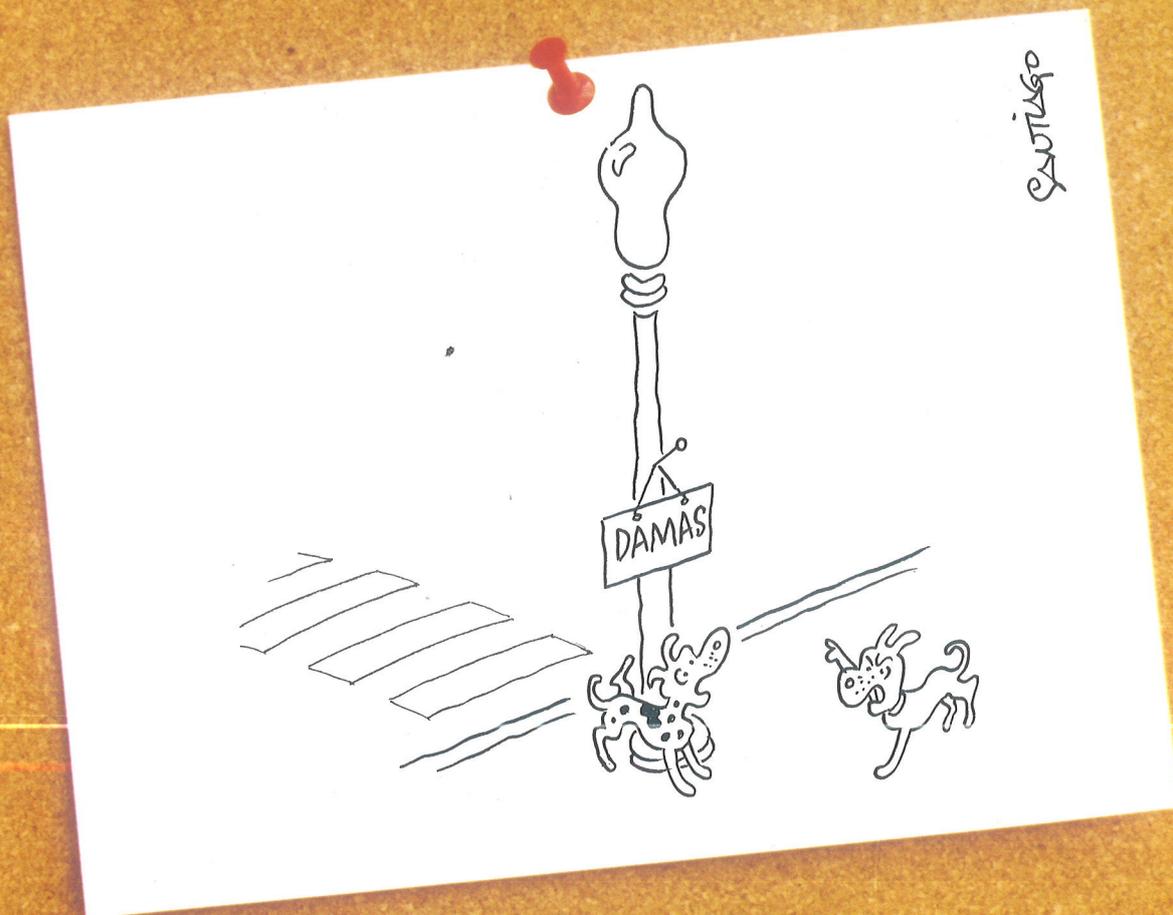
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC Lei de Incentivo à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul


CEEE
www.ceee.com.br


GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura